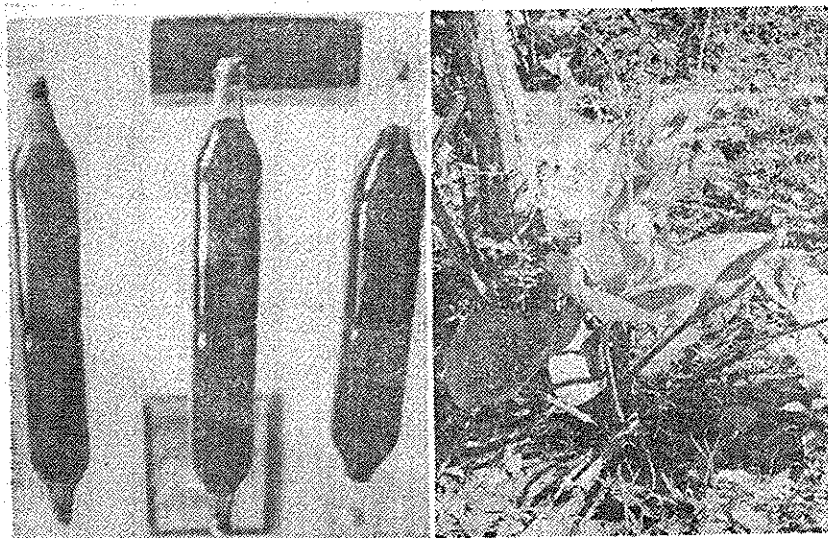


CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte O Estado de S. Paulo Class.: ASAR.0004

Data 21/12/80 Pg.: \_\_\_\_\_



Fotos Lúcio César Tadeu

Preparados para nervos, doenças venéreas e impotência, e "chapéu-de-couro"



Sedlacek, há 36 anos estudando as plantas: "Todo mundo conhece as fórmulas"

# A medicina da Amazônia

**LUCIO CESAR TADEU**  
Correspondente em Cuiabá

Do sistema nervoso precário à impotência, de intoxicações digestivas ao câncer, de doenças venéreas às inflamações uterinas, sem injeções ou comprimidos, não há doença que não possa ser curada com plantas e raízes encontradas em abundância na região amazônica, conforme procuram mostrar milhares de pessoas que encontraram na Medicina rural caseira a forma de imunizar-se contra as "doenças da civilização". E não são poucas as ervas usadas para remédios milagrosos. O que não varia é a forma usada para a preparação desses medicamentos: ou a infusão das plantas com o vinho, ou o chá caseiro.

Apesar do ceticismo que gira em torno desse tipo de atividade, não é difícil para esses curadores encontrar quem acredite na eficiência do seu trabalho: doentes de várias partes do Brasil acorrem à Amazônia em busca da cura que a Medicina legal considerou impossível. "E a maioria consegue achá-la", dizem orgulhosos os auto-denominados "médicos da mata".

Com efeito, a grande variedade de raízes e plantas encontradas na Amazônia e que são usadas para fins medicinais chega a surpreender e a fascinar um doente menos avisado. As mais usadas são a "calumba", o "angelico", a "Carqueja", o "chapéu-de-couro", a "cavalinha" e o "fedegoso", consideradas plantas digestivas e desintoxicantes. Ou, então, aquelas ervas que têm efeito "depurativo", anti-bacilar (equivalente aos antibióticos), como a "caroba", o "velame", o "algodoeiro do campo", o "barbatimão", a "raiz-de-bugre", a "arnica" e muitas outras variedades achadas facilmente na Amazônia.

"Basta saber usá-las", diz a população dessa parte do País.

É como diz o checoslovaco Henrique Sedlacek, de 57 anos e que há 36 anos estuda o efeito medicinal das plantas e hoje atende doentes do Brasil inteiro em sua casa, em Cuiabá: "Os remédios industrializados são sintéticos, feitos com produtos artificiais, que às vezes podem até curar o doente daquele mal, mas acabam deixando outros dois ou três males como efeitos colaterais. Por isso, eu pergunto a quem não acredita: serviria a eles uma mulher artificial? É lógico que não funciona".

Certa vez, um médico de Cuiabá procurou um homem que há muitos anos estudava plantas e seus efeitos. O médico tinha problemas nos rins — "la operar nos dias que se seguiram à visita, pois seu rim estava podre", diz o procurado, não querendo identificar-se "para evitar problemas". Estava descreditado pelos exames feitos anteriormente em Campinas, numa clínica especializada, mas tomou um preparado de ervas e vinho puro e depois de 10 dias, nada mais sentia. Voltou a fazer exames e, para sua surpresa e do examinador, seu rim estava em condições perfeitas.

O médico de Campinas que o havia examinado pediu, então, a fórmula do preparado que o paciente havia tomado. O ex-doente, formado em Medicina, retornou à capital do Mato Grosso procurando aquele que o havia curado, a quem pediu a fórmula. A resposta veio de surpresa: "A fórmula eu dou, pois todos aqui sabem. Contudo, duvido que ela seja aproveitada. Sabe por que? Simplesmente porque uma cura com esse método custa apenas Cr\$ 100,00 e, cobrando só isso, os médicos e laboratoristas não terão dinheiro para abastecer seus carros..."

Histórias como esta circulam em toda a região situada acima do Estado de Mato Grosso do Sul, no mapa brasileiro. E existe um receituário completo para cada tipo de doença. Para quem sofre com falta de vitamina A, por exemplo, basta tomar um copo, por dia, de suco de coco de buriti, facilmente encontrado em qualquer parte da Amazônia. Para o sistema nervoso abalado — e aqui entram os casos de impotência sexual — há o conhecido preparado "carga rápida", feito com "marapuma", "raiz de catuaba", "cordão de frade" (popularmente conhecido como "nó de cachorro") e a entrecasca do "paratudo".

Uma contusão provocada por tombo ou batida pode ser curada, em poucas horas, com a aplicação de uma planta chamada "arnica montana". Uma anemia profunda é tratada com um preparado de "genciana" com a entrecasca do "paratudo", enquanto os problemas digestivos ficam por conta da "calumba" (essa planta cura 100% das pessoas acometidas de gastrite, segundo os entendidos e praticantes desse tipo de Medicina).

As doenças venéreas e infecções de qualquer tipo são eliminadas com a ingestão sistemática do chá feito com "caroba", "velame", "algodoeiro do campo", "raiz-de-bugre", "cana do brejo" e "arnica". Para quem tem problemas no aparelho circulatório, um conselho desses curadores: tomar chá de "flor da noite", de limão ou de alecrim — três plantas encontradas em quase todos os jardins domésticos do Brasil.

É um assunto delicado, mas mesmo assim o checo Sedlacek garante que há uma fórmula de curar e evitar o aparecimento do câncer. "Essa doença, todos sabem, é o auge da poluição orgânica. Então ela pode ser combatida e prevenida com as plantas desintoxicantes —

a "calumba", o "angelico", a "carqueja", o "chapéu-de-couro", a "cavalinha" e o "fedegoso".

As plantas e raízes da Amazônia não são, entretanto, usadas somente para efeitos medicinais. Existem cultos e seitas que têm no efeito alucinógeno de algumas ervas o fundamento para o desenvolvimento de seus rituais. Um exemplo disso é a seita do "Santo Dalme", que começou em Rondônia e agora se estende por outros Estados e por parte da região Norte de Mato Grosso. O "dalme" é um chá marron, grosso, conseguido com a infusão de um cipó e uma erva encontrados apenas no interior da floresta Amazônica. Com esse chá, que segundo os adeptos da seita "tira as pessoas do espaço terrestre", são desenvolvidos rituais acompanhados por centenas de pessoas em Rondônia, Mato Grosso, Pará e Acre.

A procura do "dalme" pelos não adeptos do aproveitamento religioso dado ao seu efeito alucinógeno, também é grande. Habitantes do Sul do País visitam os centros onde esse chá é consumido em larga escala, em busca de grandes quantidades. Algumas tribos indígenas também utilizam a mesma bebida para suas festas, bem como para amenizar o sofrimento de seus doentes, o mesmo tratamento dado, antigamente, à maconha e à folha da coca.

A utilização das plantas nativas da Amazônia para fins medicinais é mais pura do que a produção em alta escala de remédios pelos grandes laboratórios. É a conclusão de Henrique Sedlacek, que guarda em seu cofre recortes de uma série de reportagens publicadas recentemente pelo Estado de S. Paulo mostrando a crise que se abate sobre aqueles laboratórios. Suas conclusões, ele mostra "a quem quiser ver".